

REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE JANEIRO DE 1917

ANO I—N.º 14

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$00 B. BRAZIL
SEMESTRE \$50 ANO 4\$500

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABBGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

AS NOSSAS ESTRADAS

E' verdadeiramente lamentavel o estado de conservação da nossa parca rede de estradas. Por toda a parte chovem queixas do abandono a que estão votadas, quasi todas as estradas do paiz; e algumas estão em tal estado, que difficilmente dão passagem a carros de bois, quanto mais a trens ou automoveis.

A nossa rede de estradas é já de si um permanente aleijão, pois o seu traçado foi sempre feito mais a contento dos interesses directos de cada um, que a um plano de bom aproveitamento publico.

Faziam-se estradas, para ganhar eleições, ou então para debelar crises de trabalho, qual dos dois motivos mais perniciosos.

Depois—não contamos novidade alguma—exgotado o orçamento, a estrada ficava em meio, esperando que alguém viesse concluí-la.

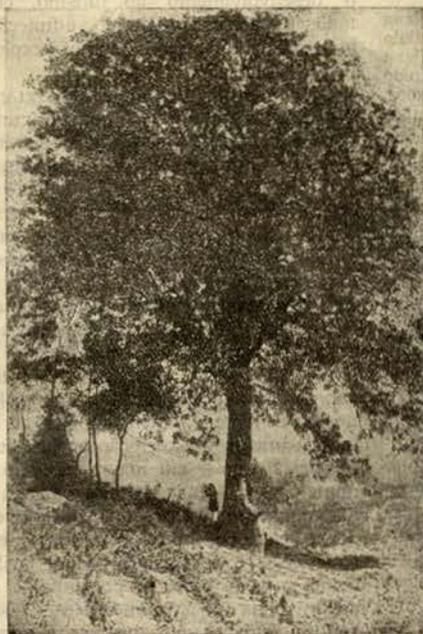
Pelo paiz fóra, ha centenas de kilometros de estrada completamente ao abandono de transito, apenas a serviço da pequena viação local, que não passa em certos casos de carros de lavoura.

Outro grande mal, para a destruição das estradas é o desleixo e a mandria dos cantoneiros, e ainda a incuria dos chefes de divisão de obras publicas, que só sabem reparar estradas com dotação especial.

Os cantoneiros tem já contra si, um grande mal, é a extensa zona que lhes pertence, limitando-se muitos a fazer a policia da estrada, quando o fazem.

Bem sabemos que os seus salarios são o bastante para morrer de fome, mas mesmo assim não era caso para tal aversão ao trabalho.

Mas não são todos, felizmente, o districto de Vizeu; cremos bem que bate o *record* na conservação da sua rede de viação ordinaria. E porquê? E' pela natureza do terreno, que permite tal conservação? Em parte é, mas tambem é devido ao zelo da Direcção



—O ALGARVE NO INVERNO—
UMA AZINHEIRA
(Vide artigo a pag. 108)

de Obras Publicas, que não descança um momento.

No sul as estradas estão n'um perfeito cahos; e não são só nos arredores de Lisboa, mas na zona extrema, onde o transito é muito e o terreno barrento, até mesmo dentro

das portas da nova Lisboa, como por exemplo no Campo Grande, e na Avenida da Republica.

Ha dias fizemos um passeio de automovel até fóra das portas de Carrixe, pois a estrada estava de tal ordem, que obrigava o *chauffer* a fazer habilidades para não encravar o carro nas continuas covas da estrada.

Tem-se apresentado mil e um alvitre para a solução de tão importante problema como é o da conservação das estradas, e não queremos deixar de apresentar mais um:

Porque se não lança um pequeno imposto, a todos os vehiculos que transitam nas estradas? Imposto esse que podia ser de 5\$00 aos automoveis, 1\$00 a trens e carroças e \$50 a motos e bicicletas, e reverter esse producto a favor da Direcção das Obras Publicas de cada districto, de cuja importancia tiraria uma parte para o augmento de ordenado aos cantoneiros, que ficariam com a obrigação de reparar as estradas na zona que lhe pertencesse, sendo esta tambem reduzida para que ele podesse cabalmente dar conta da sua tarefa, pois hoje, já acima o dissemos, os cantoneiros não trabalham, deixando encher de buracos a estrada, á espera das grandes reparações.

Toda a gente sabe que todos os grandes incendios se apagam com um copo de agua, uma vez que ele fosse deitado a tempo; e assim são as estradas, pois todas as suas grandes covas se evitariam com uma zelosa reparação no seu inicio.

Seria demasiado agravante um novo imposto aos vehiculos? Não, certamente, se atendermos á economia que

resultava, não só para a tração como também para a conservação dos veículos.

E o resultado pratico era de tão elevada importancia, que nos afoitamos a levar-o aos ouvidos de quem superintende n'estes serviços.

GUERRA MAIO

MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO

ESTATISTICA D'ESTE MUSEU

DAMOS a seguir a estatística obsequiosamente, cedida pelo sr. Cruz Magalhães, referente a quinze dias em que esteve aberto no ano preterito e publicamos-a gostosamente:

518 visitantes, 51880; 104 ante-catalogos, 5820; 29 postaes, 858; donativos, 1883. Total, 59841.

Dos ante-catalogos tiraram-se 600 exemplares, 100 para ofertas e 500 numerados e rubricados aparte, cuja venda reverte integralmente para a Cruz Vermelha, bem como a receita das entradas e dos postaes.

A quantia de 50 escudos e 41 centavos já foi entregue áquela benemerita Sociedade.

A lista dos protectores do Museu, até 31 do preterito, é a seguinte, salvo involuntarias omissões:

Columbano Bordalo Pinheiro, D. Helena Bordalo Pinheiro, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, Alberto Bessa, A. Moira, Viana do Castelo; dr. Alfredo da Cunha, Alfredo Pinto (Sacavem); Alfredo Vieira Gomes, Braga; Alvaro Neves, Amadon de Freitas, D. Ana de Castro Osorio, Antonio Francisco Alves, Antonio Rodrigues Xavier, Antonio Teles Machado, Armando Boaventura, Augusto Candido Ramos, Augusto de Lacerda, Avelino Vieira, Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, Carlos de Macedo Branco, Carlos Fernandes, Carlos Santos, D. Carmen de Burgos, (Colombina), Madrid, dr. Clemente dos Santos, Eduardo Brazão, Eduardo Schwalbach, D. Emilia Santos, D. Emilia Vale, Evaristo Costa, Francisco Lopes Mega, Francisco Santos Guimarães, Francisco Serra, Frederico Augusto Ribeiro, dr. Frederico Valente, Guedes d'Oliveira, Porto; Guerra Maio, Ivo Frederico da Silveira, Jeronymo Silva, dr. João Barral, João Costa, dr. João de Deus Ramos, João de Castro Osorio e Oliveira, João Ribeiro Christino da Silva, Joaquim de Almeida, Joaquim Augusto Torres, Jorge G. de Castro, José Antonio do Vale, José Carlos dos Santos, Caldas da Rainha; José da Costa, José Osorio de Castro e Oliveira, José Queiroz, José Rodrigues Simões, Julio de Menezes, Julio Teixeira Bastos, Justino Guedes, Lucinio Perdigão, Porto; D. Lucia Salema de Araujo, D. Lucinda Simões, Luiz Caiado Nunes, Luiz Ferreira Lima, Luiz Martins, dr. Magalhães Lima, Manuel Carvalho, Caldas da Rainha; dr. Manuel dos Santos Loureiro, Manuel dos Santos Liborio, D. Maria Amelia de Brito Aranha, D. Maria Tabora de Oliveira Abreu, Oldemiro Cesar, D. Palmyra Bastos, Paulino Ferreira, Pedro Baptista Ribeiro, Pedro Saldanha, Ruy Teixeira Bastos, Sarca Prado, Visconde das Laranjeiras, Viscondessa de Tayde, Victor Guerreiro, Ventura Abrantes, dr. Xavier da Costa.

HOTEIS DA PROVINCIA

A especialidade da nossa *Revista* impõe-nos deveres e obrigações a que não podemos nem devemos fugir, se bem que isso nos possa causar, por vezes, alguma arrelia, devido á má interpretação que as nossas sinceras e inoffensivas palavras venham a soffrer.

Não pretendemos arrogar á nossa humilde auctoridade, o qualificativo de pontifice em materia tão complexa como é a da industria de turismo. O nosso intento é, porem, apontar os males que encontramos e que muito podem prejudicar o desenvolvimento d'essa apreciavel fonte de receita em o nosso Paiz, para que os interessados e as instancias competentes providenciem de forma a remedia-los no todo, ou tanto quanto seja possivel.

N'esta ordem d'ideias, um dos assumptos que entendemos merecer a primazia, na sequencia dos factores que directamente contribuem para que o turismo em Portugal seja um facto realisavel em pouco tempo, é o que diz respeito ás installações hoteleiras das nossas provincias. E cremos que assim todos o entenderão, visto que o desenvolvimento do turismo, em todos os paizes do Mundo, é função immediata d'uma boa e criteriosa exploração hoteleira.

Não basta ter bons hoteis nas grandes cidades, d'entre os quaes alguns deverão estar ao nivel de alojarem viajantes principescos. E' indispensavel, tambem, haver na Provincia os que offereçam os attractivos que satisfaçam as exigencias dos turistas, sem o que nunca poderemos auferir d'essa industria por excellencia, os beneficios que expontaneamente ella proporciona.

Não temos o intuito de especialisar aqui apreciações, pois que mesmo o nosso fim não é simplesmente criticar o que se encontra de mau pelo nosso continente, nem apontar acrimoniosamente á execreção publica deficiencias que — em maior ou menor numero — por toda a parte existem; mas julgamos do nosso incontestavel dever patriótico attrahir as atenções para casos e coisas que podem facilmente modificar-se, despresando-se a velha rotina e a erronea idéa de se ganhar dinheiro por processos *anachronicos*, e applicando-se melhor e mais proveitosamente a nossa actividade e uma relativa sciencia.

Lá diz o dictado: *ganhar dinheiro não custa; saber fazer fortuna, é tudo... e o mais difficil.*

Ora, os hoteis da provincia, com raras excepções, parallelisam-se todos no conforto que offerecem, que nenhum

é—por assim dizer; nas commodidades que dispensam, as quaes muito deixam a desejar; no serviço que fornecem, que é mau—quando não é pessimo, e em muitas outras coisas, n'esses pequeninos nadas que constituem—por excellencia—as subtilizas da industria hoteleira e que são o motivo de preferencia para o viajante; isto, não mencionando a pouca educação de que—em geral são dotados os serviços.

Como se vem fallando na proxima organização d'um congresso hoteleiro, seria, certamente, do maior proveito para o nosso Paiz, que ali fosse ventilado este importante assumpto com o cuidado que lhe é devido e que se impõe obrigatoriamente, pois affigura-se-nos fóra de toda a discussão a importancia que a missão dos hoteis da provincia pode e deve desempenhar no desenvolvimento do turismo em Portugal.

A nova linha de Avila a Salamanca e a sua influencia com o norte de Portugal

PROSEGUEM com actividade os trabalhos de construção da nova linha ferrea de Avila a Salamanca, por conta do governo hespanhol, que a avaliar pelo numero de operarios n'ela empregados, mais de 800, este inverno deverá ficar concluida, no que toca a terreplanagem e obras de arte, e se os carris não faltarem, é natural que este ano fique prompta a abrir á exploração.

A nova linha põe Salamanca em comunicação directa com Madrid, poupando-se 60 kilometros, em comparação com a actual via Medina.

Essa economia vai tambem reflectir-se nas linhas portuguezas da Beira Alta e Minho e Douro, ficando assim Madrid, distante do Porto apenas, 556 kilometros, de Coimbra 560, e da Figueira da Foz, 595.

Vem pois a nova linha facilitar grandemente as relações do norte do paiz com a capital hespanhola com o que muito hade lucrar o turismo.

EXPEDIENTE

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras litterarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.

*A nossa
política economica
no Brazil*

SOBRE este thema realisou no dia 18 uma interessante conferencia na Associação Commercial de Lisboa, o sr. José Simões Coelho, recentemente chegado a Lisboa da sua demorada viagem de propaganda ao Brazil.

Presidida pelo sr. Presidente da Republica, abiu a conferencia pelas 10 horas da noite, com bastante concorrencia, em que predominava o elemento commercial, que era por assim dizer, a quem mais interessava o assumpto da prelecção.

O orador, começa lamentando, com magua, a quasi inutilidade dos nossos consules no Brazil e a sua pouca competencia para a occupação de tão elevados cargos; cita depois com algarismos quão descrecente é a nossa exportação para a grande republica, que em breve terá que desaparecer, (se lhe não acudirmos a tempo), ante a concorrência das exportações, espanhola, argentina e americana.

Os nossos vinhos chegaram ao cahos da sua pureza, pois todas as nações, com maior ou menor habilidade, vão tratando de imitar as nossas melhores marcas, entre as quaes poderá citar as de Colares.

Passa depois a referir-se á navegação portugueza para o Brazil, demonstrando o largo futuro que lhe está reservado, e acentua a conveniencia dos vapores irem até ao Rio Grande do Sul para onde podia fazer um grande inter-cambio commercial.

Fez depois algumas considerações sobre o porto de Lisboa, e sobre turismo, que n'ele está a vida da nossa terra.

Termina depois recordando o que Lloyd George disse ha tempos: — «Ser patriota não consiste apenas em expôr o peito ás balas, mas evitar que a miseria assalte a nossa patria.» O orador foi muito aplaudido e cumprimentado.

Navegação para o Brazil

NÃO foi, como no ultimo numero dissémos, adjudicada ao Banco Nacional Ultramarino, a linha de navegação para o Norte e Sul do Brazil, mas á nova sociedade «A Maritima», companhia organisaada, ao que nos consta, com capitaes portuguezes e brasileiros.

ARTE E LITERATURA

AS MINHAS PENAS

DE JORGE AFONSO

*As penas das avesinhas
que Deus lhes deu p'ra voar
se as comparo com as minhas
pesam mais o meu pesar
as penas das avesinhas.*

*As penas d'elas tão leves
o vento as leva no ar;
de tão ligeiras, tão breves
não custam nada a levar
as penas d'elas tão leves.*

*As minhas penas, então
já nem as posso sofrer
de tão pesadas que são;
esmagam o meu viver
as minhas penas, então.*

*As penas dos passarinhos
curtas, ligeiras, pequenas,
são macias como arminhos
não são como as minhas penas
as penas dos passarinhos.*

*As minhas penas tão duras,
tão grandes, cruéis, sem fim
são um pôtro de torturas
que trago dentro de mim
as minhas penas tão duras.*

*Das penas d'aves nas cores
quando o sol as alumia
rebrilham vivos fulgores,
ha reflexos de alegria
das penas d'aves nas cores.*

*As minhas negras, tristonhas
nem mil sóes lhes dão viveza,
são sempre trevas medonhas,
teem da noite a tristeza
as minhas negras, tristonhas.*

*As minhas penas são brazas
d'infernaes tormentos meus.
Penas das aves são azas
a levá-las para os céos.
As minhas penas são brazas.*

*Com penas cantam as aves
pelos espaços voando,
seus cantos doces, suaves;
eu com penas vou chorando...
Com penas cantam as aves.*

*As penas das avesinhas
que Deus lhes deu p'ra voar,
se as comparo com as minha
até me fazem chorar
as penas das avesinhas.*



**CARTA DO INVERNO
Á PRIMAVERA**

DE ALFREDO ANSUR

*Quanto vos amo, Princeza!
Por não ver-vos que alma aflita!
Mas de vossos pés ser prêsa
Mereço eu acaso a dita?*

*Sois joven, tendes belesa,
Do génio a chama bemdita,
Variedade, esplendidesa:
Que ente por vós não palpita?*

*A minha imensa lavoura,
Tão vossa, linda Senhora,
Filha do Sol em seu giro...*

*Perdão, Abril! O Inverno é bem
Que não desperte a Cecém
Nem com trémulo suspiro.*

PAISAGENS PORTUGUEZAS

O ALGARVE NO INVERNO

N'ESTES duros dias de inverno, quando a neve, por toda a Europa, cãe em flocos enormes e continuos; e quando um frio de tempestade faz arrepiar o arvoredo, n'uma devastação, o Algarve deixa ver o seu ceu de anil, onde um sol, a sorrir, despede sobre a terra, acariciadoras rajadas de polvilhos d'ouro.

E assim a doirada tira da costa do Atlantico, parece, com a sua monta-

como noivados, adiante as figueiras alinhadas em xadrezes; e essas então, ainda nuas, levantando os braços n'uma adoração ao sol que lhe hade fecundar no ventre exiguo o fructo, que primeiro ergue ao ceu n'um oferecimento e depois deixa pender sobre a terra em grossas lagrimas de dôr.

Não tem ali as figueiras a grandeza das suas irmãs do norte, são todas pequenas e redondas como ar-

Muita gente fala, com desdem, do Algarve, da sua gente, que até alcu-nham de faladora, quando afinal o algarvio é menos loquaz do que o mi-nhoto e que o beirão.

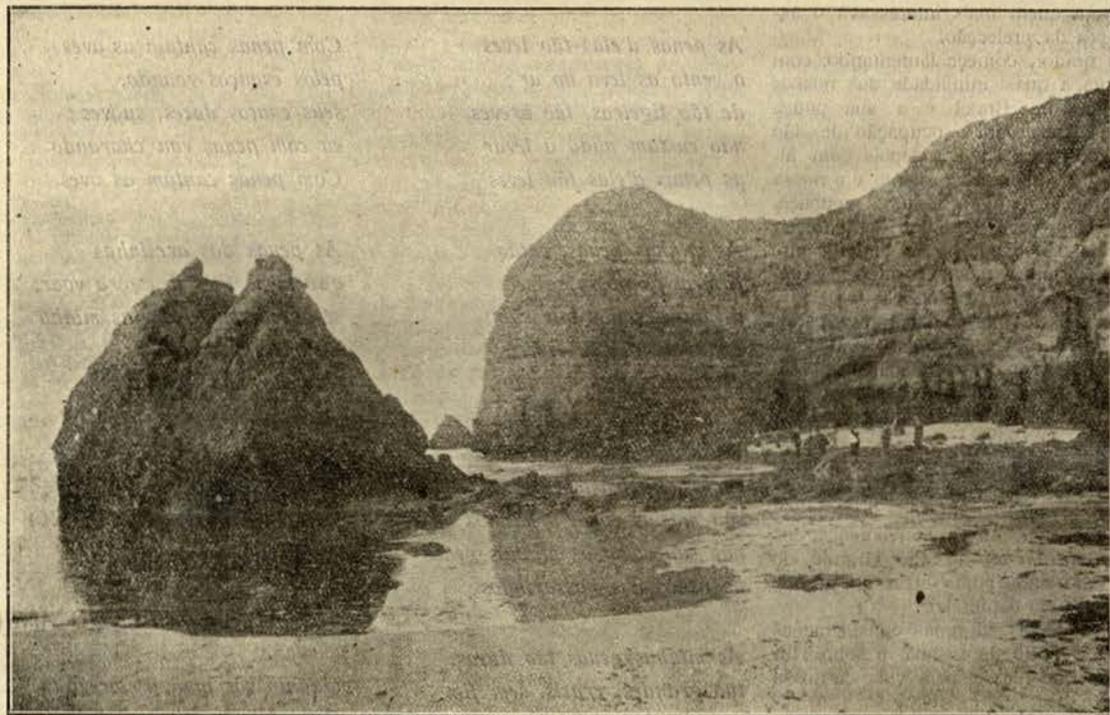
A mulher com os fortes traços da raça arabe, tem mais encanto e me-nos fama que a sua vizinha, a andaluza, esta, tem mais volupia, e aquella mais sentimentalidade.

A andaluza é volúvel e a algarvia, mais arrebatada talvez, mas mais consisa.

Aquela tem o amor, no olhar de fogo; e esta, no coração em brasa.

Ambas amam e ambas são ama-das.

No coração da mulher algarvia, re-



UM ASPECTO DA PRAIA DA ROCHA

nha que a separa do Alentejo, um abrigo seguro para os friorentos e para os convalescentes.

O Algarve para o viajante do caminho de ferro, parece a apothose de uma peça de theatro. Tem a cobril-o o enorme manto de estevas, que veste a sua serra, para se rasgar como um pano de fundo e deixar-nos ver, n'uma rapida mutação, o extenso panorama algarvio, n'uma apothose de amendoaes em flor.

Mas ali só faz diferença do theatro, em não durar os curtos momentos, que vão até cahir sobre ella o pano de boca; perdura, e ao passo que o comboio vae silvando entre a terra florida, mais essa apothose se dulcifica e se prolonga.

Aqui, são as amendoeiras floridas

vores de jardim; quando moças, lembram candelabros, quando velhas e resequidas, de braços sobre a terra, parecem pastores em adoração.

Mas entre os amendoaes, a contrastar com a sua altiva de neve, sobressae o verde sombrio das azinheiras, e das palmeiras, e de outras arvores dos tropicos ali emigradas, mas felizes com a doçura d'aquelle sol e d'aquella aragem quente e salina do continente africano.

Todo o Algarve, é um grande parque para repouso de convalescentes de enormes sanatorios, que já ali deviam povoar as encostas, mas que ainda permanecem em boas vontades.

sidem ainda as doces lendas das mou-ras encantadas e o fogo das paixões dos amores místicos e de aventura.

E o homem do Algarve?

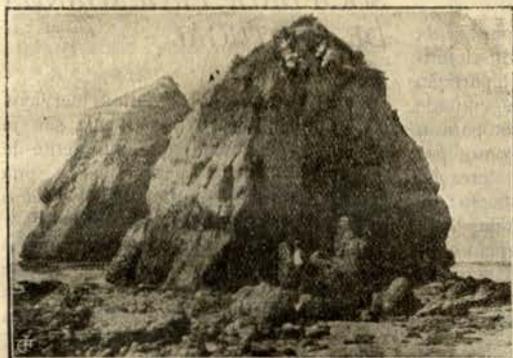
Frívolo, arrebatado, sonhador e sentimentalista.

Voltemos porém á paisagem, as cidades do Algarve apresentam todas um aspecto diferente. Faro, a capital, com os seus jardins, as suas casas elegantes, os seus hoteis com instalações modernas, os seus cafés, os clubs, tem foros de uma cidade moderna, e deve ter grande incremento quando o caminho de ferro a separar apenas de Lisboa 6 horas de viagem, e quando estiver ligada á Andaluzia, e ao futuro porto de grande navegação, a bahia de Lagos.

Tavira, garrida e aninhada junto ao

seu rio, com a sua ponte romana lembra uma cidade da Andaluzia, Silves, histórica, transporta-nos aos tempos mouriscos, e Lagos, como o infante sonhador, sonha em vir a ser um grande porto de mar, onde virão um dia—e não será longe—desembarcar as americanas, com cãesinhos de regaço para gosar o doce clima algarvio, e aquele céu tão azul como nenhuma outra terra possui.

Não só as cidades são ali interessantes, também as vilas e as praias são



OUTRO ASPECTO DA PRAIA DA RFGHA

dignas de menção, Loulé, a mais populosa terra algarvia, Olhão, com a sua nova avenida a arejal-o, Vila Real de Santo Antonio, gracioso modelo da baixa de Lisboa, assentando o seu casarão alinhado a Ayamonte, n'um sorriso de fraternidade, Portimão, orgulhoso com a sua praia da Rocha, onde mãos emprehendedoras vão em breve construir um grande hotel de luxo. E quantas outras terras mais, cheias de encanto, com suas fachadas brancas onde se reflecte este sol doirado que, no inverno, enche de carícias a provincia algarvia? Estoy, a terra de mais lindas mulheres do Algarve, Armação de Pera, com a sua praia encantadora, e Monchique, entre o arvoredo barbaro da sua serra, por onde n'estes dias de inverno o sol se infiltra aquecendo os regatos murmurantes, a fugir entre as sebes altas.

Saberá alguém um dia aproveitar o Algarve, aquele céu, aquele sol, para delicia do estrangeiro e nós todos?

GUERRA MAIO

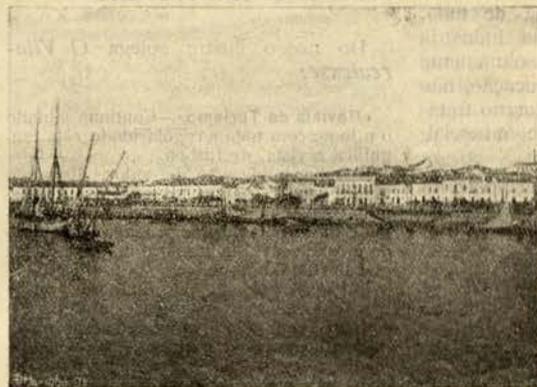
Tendo sido mandados para o correio os recibos das assignaturas do 2.º semestre, rogamos por isso aos nossos estimados assignantes se dignem satisfazer a sua importancia, afim de nos evitar despezas com a sua devolução.

O TURISMO EM PORTUGAL

1

A industria do turismo é um dos magnos problemas que mais tem prendido a attenção das pessoas a quem os assumptos vitales sobrelevam a qualquer outro de importancia; e tanto nos paizes em guerra como nos que se acham affastados d'essa tremenda hécatombe, os que se interessam pelo desenvolvimento patrio, quer sob o ponto de vista de tornarem conhecidas as suas riquezas, ou de explorarem as desgraças passadas, extrahindo dessa fonte inexgotavel a compensação para o equilibrio financeiro do commercio proprio ou commum, se veem dedicando, certamente—uns, ao estudo das originalidades e commodidades a offerecer aos estrangeiros que, avidos

de gozarem as sensações d'um egoismo espiritual, visitarem, depois de assignada a paz, o palco do maior drama do século que atravessamos; procurando outros, attrahi-los no seu caminho, para lhes fornecer á visita, ao espirito e ao ol-phato, alem do motivo do seu principal enthusiasmo,



PORTIMÃO—O CAES

as essencias das suas artes, das creações da natureza na sua patria, das imanações do solo seu berço.

Após a lucta tremenda a que o Mundo vem assistindo, durante a qual se tem feito fabulosas fortunas pelos meios que só esse motivo offerece, ha a necessidade inadiavel de se proporcionar aos potentados financeiros, consolidados sobre as ruinas mais desastrosas, mais tristes e horrendas que ficam assignalando esta epoca, a sahida

para os juro dos seus capitaes. E essa sahida só pode ser humanamente feita attrahindo-os aos theatros onde se desenvolve presentemente a mais commovente tragedia a que a civilisação tem assistido.

E' indiscutivel que, para os campos onde se installaram as frentes que delimitam os exercitos em acção, por toda essa linha—ao mesmo tempo funebre e gloriosa—do Marne, do Iser, da emocionante Alsacia-Lorena; pela Belgica heroica, pela Russia glacial, pela cantante Italia e pelos alegres Balkans, uma corrente de viajantes, passeiantes—de turistas, emfim, se ha de canalisar com a precisão d'um rio seguindo naturalmente o seu curso; e improficuos serão todos os esforços para que ella se desvie largamente da sua marcha. Todavia não serão baldados, certamente, as tentativas que se façam para, na sua passagem pelos diferentes paizes que terão de atravessar, attrahir esses viajantes por mais tempo, offerecendo-lhes, alem d'um commodo repouso, o que lhes possa causar deleite e que os enthusiasme e, ainda, o que os captive. D'esta forma—sem duvida—procederão todas as nações que foram directamente atingidas pela guerra europeia e as que, tendo-o sido apenas indirectamente, pensam auferir dos seus resultados os possiveis lucros.

Em Portugal, o que se tem feito para captivar os que possam atravessa-lo para seguir o seu destino?

—Seria demasiada infantildade suppor que os inglezes, russos, francezes e belgas, os gregos, os allemães, austriacos, chinezes, japonezes etc. venham de proposito... ao-Furchäl

admirar os estragos causados pelo *raid dos submarinos allemães*; mas cremos que a enormissima população da America do Sul—brazileiros, argentinos, peruanos, chilenos, etc, nos inscreverão no programma das suas visitas, se puderem contar com alguma coisa mais do que a nossa proverbial alegria, alem das bellezas naturaes.

Para isso não são só indispensaveis os *bureaux de renseignements*—ou em portuguez: as agencias d'informações, cuja criação foi advogada n'um

criteroso artigo do sr. Pádua Franco inserto no último numero d'esta *Revista*; não basta igualmente uma activa propaganda exterior, seja por que tintas for colorida, embora, sem duvida, produza bons efeitos. Mas para que esses esforços sejam secundados torna-se inadiavel preparar *cá dentro*, no nosso Paiz, a casa para recebermos os visitantes que nos honrarem, suggestivamente-os por todas as formas e feiões; porque elles depois se encarregarão—de *motu proprio*—de fazer a nossa propaganda se os tratarmos bem, se os soubermos prender pelo bem-estar e aprazível distracção, se lhes proporcionarmos com toda a gentileza a commodidade e conforto que lhes é devido; enfim—se lhe fizermos a recepção carinhosa que devemos offerer aos estrangeiros.

Este é, a nosso vêr, o ponto capital para se canalisar pelo nosso Paiz uma onda de turistas.

Em que consiste essa boa recepção que obrigatoriamente devemos offerer aos estrangeiros?—Em tudo o que nos falta: commodidade no desembarque; facilidades aduaneiras; hotéis decentes uns, e luxuosos outros—onde todos na medida dos seus recursos se possam confiadamente installar; segurança de pessoas e haveres; transportes rapidos e equitativos aos pontos cuja visita se lhes deva offerer; n'uma palavra: tudo—até os pequeninos nada que possamos considerar superfluos ou dispensaveis, mas que o viajante aprecia. Precisamos, primeiro que coisa alguma e acima de tudo, saber ganhar dinheiro pela industria de turismo; e para isso é absolutamente indispensavel ter-se boa educação, não só no sentido da delicadeza no tratamento, mas na forma de commercialmente nos conduzirmos.

Emquanto se não attender aos principios basilares sobre que deve assentar o progredimento da florescente industria do turismo no nosso Paiz, todas as tentativas *échoueront* .. como dizem os francezes, o que traduzido em portuguez quer dizer: esbarrarão na pedra dura da realidade.

JOSÉ LISBOA

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.

Estações postaes nas estações de caminho de ferro de entroncamentos e fronteiras

A Repartição de Turismo, por iniciativa do seu digno director Sr. Dr. José de Athayde, vae continuar nas negociações com a companhia da Beira Alta, afim de se collocarem estações telegrapho-postaes nas estações de Pampilhosa, Guarda, e Vilar Formoso, e principalmente n'esta ultima, cuja importancia requer tão precioso melhoramento.

E' de esperar que a Companhia da Beira Alta não deixará sem deferimento a justa pretensão da Repartição de Turismo, pois a sua boa vontade em proporcionar comodidades para o publico é bem manifesta, como por exemplo se pode citar, a criação de um hotel anexo á estação da Guarda, e da abertura em Vilar Formoso de um restaurante, que pelo optimo serviço que offerece o seu arrendatario, o sr. Manuel Chapau, conhecido como um profissional hoteleiro, está já acreditassimo.

Actualmente a estação postal de Vilar Formoso, está instalada a mais de 200 metros da estação do caminho de ferro, e n'um tão improprio par-dieiro, que chega a ser uma vergonha para quem lá entra.

NÓS E A IMPRENSA

Do nosso illustre colega *O Vila-realense*:

«*Revista de Turismo*»—Continua sabendo o a lume com toda a regularidade esta magnifica revista, de Lisboa.

E' uma publicação de valor, digna do maior auxilio particular e do proprio Estado, visto como se dedica, com uma energia e amor notaveis, ao propagandeamento do incomparavel mostruario de coisas belas que Portugal possui.

O Vila-realense já por inumeras vezes tem feito salientar aos poderes e a quantos se interessam pelo levantamento da nossa nacionalidade, que o turismo, convenientemente desenvolvido, é a primeira fonte de onde podemos auferir importantissimos proventos.

Nem todos comprehendem assim. E a prova é que tudo continua como d'antes, á espera que a fortuna caia das nuvens, sobre esta desgraçada terra.

A *Revista de Turismo* pertence, como nós, ao grupo d'aquelles que não desanimam com pouco, e a testemunhal-o ahí temos a sua patriotica pertinacia e insistencia sobre um assumpto em que o proprio governo, o mais interessado, se deixa dormir como um madraço.

Simplemente triste!

Muito grato nos é archivar as amaveis palavras do nosso illustre colega de Vila Real, que são para nós um

grato incentivo para a campanha que a nós mesmo impoemos, que não tem outro fim alem de o desenvolvimento turista do nosso paiz, pois n'ele está a sua vida e o seu progresso.

Tambem o nosso estimavel colega de Lisboa *Jornal do Comercio e das Colonias*, nos fez a proposito do ultimo numero amaveis e lisongeiros referencias.

A ambos os nossos agradecimentos.

SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL

ESTA Sociedade, cujos serviços prestados ao nosso paiz são já valiosissimos, cuida constantemente de desenvolver cada vez mais a sua acção, de maneira que resulte d'ela o maior proveito possivel. N'essa orientação, absolutamente patriótica, alguns delegados da direcção d'esta sociedade acabam de vir do Porto investir nas funções de delegado da Propaganda n'essa cidade o sr. Julio de Moraes, negociante e proprietario na mesma cidade e pessoa de grande influencia e prestigio na capital do norte.

O sr. Julio de Moraes, que á Propaganda pode prestar os maiores serviços, será auxiliado pelos srs. Cesar Ramos e Romualdo Peres, directores do Palacio do Cristal e personalidades de grande destaque no meio social portuense.

Os efeitos do estabelecimento da delegação da Propaganda no Porto principiam já a sentir-se pelo offerimento gentilissimo que a direcção do Palacio de Cristal fez, no sentido de, n'esse magnifico edificio, se montar, n'uma sala especial, um posto de informações, no qual se prestarão todas as indicações concernentes á indole da Sociedade Propaganda de Portugal e que interessem o Porto, ao mesmo tempo que haverá, á disposição de quem quizer consultá-la, uma bibliografia completa sobre turismo e outros assumptos, composta de jornais, illustrações, guias, etc. O Palacio de Cristal offereceu ainda á Sociedade Propaganda de Portugal uma sala destinada á realização de exposições diversas, que a delegação do Porto pretenda levar a cabo e que poderão vir a ser numerosas e do mais alto alcance e interesse.

Como se vê, a expansão da Propaganda está sendo cada vez maior, o que é motivo para regosio, visto quanto mais longe ela levar a sua acção mais beneficios o paiz colherá. A fundação do posto de informações, que vai ser montado na capital do norte, está evidentemente destinado a

prestar os melhores serviços a quantos visitem o Porto e pretendam informar-se de quanto haja para ver n'essa cidade, tão importante pelo seu commercio e pela sua industria, e tão interessante pelo seu caracter, pelos seus costumes e pelas suas patrioticas e nobilissimas tradições.

«A TERRA PORTUGUEZA»

A convite da Direcção da Sociedade de Propaganda de Portugal, o nosso distinto colega na imprensa Adelinio Mendes realizará na proxima segunda-feira, pelas 21 horas, na sede d'essa coletividade, uma conferencia sobre «A Terra Portuguesa». O conferente occupar-se-ha dos mais interessantes trechos de paizagem e de mar, dos panoramas mais deslumbrantes e dos costumes mais curiosos que o tem surpreendido em Portugal, não vindo, a final, a sua palestra a ser se não uma fita cinematografica, na qual figurará muito do que n'este paiz ha para ver e para admirar. A entrada é publica.

Thermas de S. Pedro do Sul

ESTÃO muito adeantadas as obras de ampliação do balneario das Thermas de S. Pedro do Sul, que ficará depois de concluido um dos melhores do paiz, pois os aparelhos de que é dotado são do mais aperfeiçoado modelo, e os materiaes de primeira ordem.

No novo pavilhão, serão instaladas banheiras modernas e aparelhos varios para inhalações, pulverisações, irrigações, duches, etc., ficando todas as dependencias ligadas entre si, de fórma o aquista que não tem de sahir do edificio, o que até agora não acontecia.

Só quem não conhece S. Pedro é que não póde avaliar, o largo futuro que lhe está destinado, uma vez concluidas as obras que se estão fazendo o que certamente acontecerá antes de começar a nossa epocha balnear.

Varios outros melhoramentos estão sendo efectuados e outros em projecto, como seja uma represa no Vouga para barqueação, e um grande hotel, reunindo todos os requisitos modernos exigidos em taes estabelecimentos.

A concorrência ás Thermas de S. Pedro do Sul, este ano deve certamente acentuar-se, pois que sendo aquelas aguas utilizadas, principalmente nas doenças de reumatismo, desde o tempo de D. Afonso Henriques, tem sido

utilizados quasi só pelos povos locais, e apenas nos ultimos anos tem sido visitadas por aquistas de Lisboa. Mas agora em concorrência hade certamente acentuar-se mercê do caminho de ferro do Vale do Vouga que lhe passa á porta.

BIBLIOGRAFIA

ANTONIO Correia de Oliveira, o primoroso poeta de que tantos versos delicados tem sido auctor continua publicando os seus poemas mensaes, da *Minha Terra* e os dois ultimos *Um lenço de cantigas* e *Do meu quintal* que são um mimo como tantos outros que tem sahido á luz nos ultimos mezes.

Antonio Correia de Oliveira, com a sua alma de poeta de raça, traduz-nos n'esses dois admiraveis poemas o encanto sublime de uma lyra que ainda não teve precedentes.

Veja-se essa quadra *Do meu quintal*, que deliciosa imagem, que relevo de harmonia!

*Na Capela do monte, em plena agrura,
Viveiro de hevas e de passarada,
Faz bem a gente ouvir, de madrugada,
A missa que nos diz o Senhor Cura.*

Veja-se agora, de *Um lenço de cantigas*.

*Esta manhã,—de manhãzinha cedo,—
Eu fui, caminhos fora, a desgarrada;
E vi a Aurora, meia extremunhada,
Banhar-se nos orvalhos do arvoredo...*

*Andei, encosta além, por entre o envedo
Das sebes, a escotar a passarada;
E a surpreender, na seiva alvorçada,
Quanto amoroso e lyrico segredo!*

*Levei a manhã toda, desde o monte
A' aldeia e ao rio atravessai a ponte;
Bello arraial das arvores amigas.*

*Fiz, pelos campos, romaria nova;
Cantando fui; cantando vini; e a prova...
—Amor! trouxe-te um lenço de cantigas.*

e depois a ternura de sentimentos d'essas quadras, que não resistimos a leval-as aos nossos leitores.

A mãe:

*O meu filho é pequenino:
Mede tres palmos, mais não.
—Cabe n'ele a vida toda,
Como Deus n'uma oração!*

O namorado

*Tres modos de despedida
Tem, assim, o meu Amor;
Antes não tivesse tantos!
Nem um só... Fora melhor!*

E depois d'isto que podemos dizer do poeta? Nada mais.

XISTO.

A NEVE

SERNANCELHE — Todas as manhãs tem aparecido os campos cobertos de neve, apresentando um aspecto lindissimo. As arvores, que vergam ao peso da neve, dão ao campo a nota alegre e phantastica de grandes matos floridos.

CERTÃ — Sobre esta vila e seus campos marginaes tem caído uma forte nevada, atingindo grande altura.

Todos os campos e serras estão cobertos de neve, mostrando um lindo panorama. Esta nevada vem beneficiar muito os olivedos.

VOUZELA — Nas ultimas noites caiu n'esta vila uma enorme camada de neve, apresentando-se de manhã as serras, os campos, os vales, as casas e as ruas como se fosse um enorme lençol. A' nossa vista desenvolve-se um brilhante panorama.

DUAS GENTILEZAS

NEM sempre os senhorios andam de mal com os seus inquilinos, nem estes com aquelles.

Entre outros casos que haverá, sabemos de um lindo predio de Lisboa, cujo primeiro andar é habitado por um dos mais notaveis e intelligentes diplomatas estrangeiros o qual, ha dias, reuniu, em um amavel chá das cinco, varios personagens importantes.

Terminada a festa a que não havia podido ser convidado o senhorio da casa, o amavel inquilino reuniu n'um riquissimo prato da China alguns dos melhores doces, e mandou-os ao seu senhorio, como prova de que d'elle não se esquecera—segundo o costume usado entre a nobreza hespanhola.

O senhorio, penhorado por tanta galanteria, agradeceu logo no seguinte improviso:

*Nadie tiene unos inquilinos
Como yo los tengo aqui!
Hasta me dán dulces finos
De su five-o'clock tea.*

*Por eso les quiero tanto
Como el santo
A' la virtud.*

*Y aun que no lo permita
Mi médico,... una copita
He bebido á su salud.*

Que inquilino e senhorio nos desculpem a indiscrição que commetemos, dando a publico esta troca de amabilidades.

O MISTÉRIO

DA

LAGOA DE MINDE E MIRA
E SUAS CAVERNAS ADJACENTES

Continuado do n.º 12 (pag. 90)

A Faculd. de Scienc. de Lisboa carece de cadeira de Speleologia. No último Anuário da Univer. (1914-1915) só se inscreve *Potamologia* (rios) e *Limnologia* (lagôas). A Soc. de Geografia (onde teria cabimento) também a não professa. O homem considera, de preferencia, a crusta terrestre, cheia de cavernas e antros (cuja lista é longa), e se tem explorado. A gruta de Aggtelek (Hungria) foi visitada, em 1900, por 1.063 pessoas (10.513, desde 81). Em 1904, as de Canzian por 2.960 (mais 730 que em 903. Em 905, 3.013.—

Nas de Minde, seria conveniente esclarecer donde vem e para onde vão as aguas; acção quimica; idade provavel, e se as estalactites são indice prehistórico; se tem, na flora fossil, ou fauna cega, exemplares desconhecidos (*biospeleologia*); condições magnética e térmica (como se fez, em França nas cavernas de Padirac).

O turista vá provido de livros, instrumentos e meios pecuniarios; não se aventure só; tenha duas velas, uma com tecido impermeavel; leve (alem de barracas de campanha e telefones portáteis com cabos) aparelho de fotografar a luz de magnésio, barcos desmontaveis, cinto descensor, *confetti* nos bolsos para espalhar avançando no desconhecido, e provisão de *fluoresceína*.

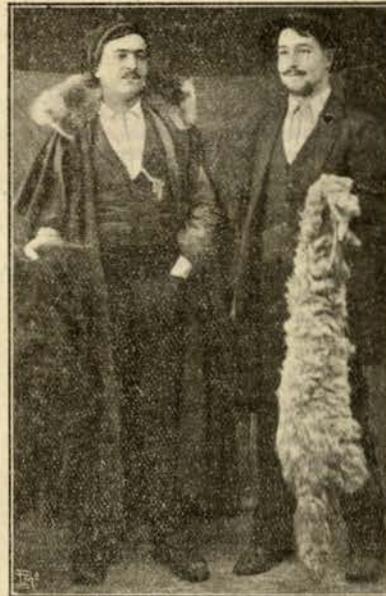
Quanto a 1.ª indicação, é util o *Manuel de recherches préhistoriques* (Paris, Schleider, 1902, in-12; 332 pag., 205 fig.; 2 escudos e meio). Está ao par das descobertas e conclusões mais recentes. *Manual do Alpinismo* (Paris, in-12, 609 pag., 1904). Consagra 16 pag. á Speleol., dando indicações práticas e morada de fornecedores. *Proteus* (Rev. intern. bimens. de Speleol. subterranea, Bolonha, 1905).—Em Milão, Brescia, Udine, Bolonha e Roma, ha Grémios, ou Secções de Speltoeol. O *Mendip Hill Research Club* foi fundado em Oxford, em 2.1.904, para explorações no *Sommerst*.

NB.—Sobre aguas subterraneas, o vol. 1.º de Emilio Haug, cap. XXIII, é muito instrutivo.

Mr. Clunet avaliou a exploração, só do *Chourun Martin*, (1270 metros de profundidade), em mais de 1000 escudos, a saber:

330 metros de corda a 860.....	1988
1000 a 808.....	808
500m de cordéis a 801.....	508
2 barracas de campanha a 508.....	1008
12 homens a 28 (15 dias, trab. prepar.)	3608
Fogo, alim., vinho, café (880, por cabeça, cada dia).....	1448
4 pares de telefones portáteis a 68..	272
100m de cabo telefonico a 078.....	288
Transp. em machos, 30 dias a 18....	308
Madeira para sobrados, etc.....	408
Carruagens, transportes.....	308
Desp. imprevis. utensil., expedição etc.	1008
	1.0848

Em 23 de Set. 904, o turista Streiner esteve a morrer de fome na ca-



DOIS MINDERICOS

averna do Dragão (Austria, arrabaldes de Mixnitz) porque, indo só, deu com a cabeça n'um rochedo, e caio apagando-se-lhe o archote. Passou três dias nesse labirinto; e só foi salvo graças a duas mulheres, que se aventuraram a procura-lo. Outros exemplos se omitem, por brevidade. Em Minde, também João Ribeirinho se perdeu, por se lhe apagar a luz, na *Lapa de Regatinho*, indo sair, ao cabo de alguns dias, a uma fazendas, perto de Santo António das Eiras. Ouvia o chiar dos carros, e até mulheres, cantando, a bater a roupa no lavadouro.

Para a fotografia das cavernas, o magnésio é de preferencia empregado. Obtem-se pasta humida, ajunta-se seco, e incendeia-se com mecha de alcool. A lâmpada-relâmpago obtem-se em Kratz-Boussac (Paris, r. Taint Laurent, 3). A Nadar (de magnésio continuo) dura de 20' a 1 minuto. É indispensavel para documentação de fenómenos, que é impossivel representar com lapis, ou descrever com a pena. O formato de 13x18 é mais desfavoravel que o 9x12, ou 8x9. Com binoculares stereoscópicos Bellieni e Makenstein (8x9, duas objectivas Zeiss e Goerz) representam-se pessoas e sitios de 30 a 50 metros de distancia. — Vidé *Fotogr. Subt.* (Gauthier-Villars, 1904, in-12, 50 centavos). *Martel*, Aplicações da fotog. pelo magnésio (8 pag., Congr. intern. das scienc. hist. em Roma, 1903, T. V, sec. IV). *Idem*, A Fotogr. subterr. pelo magnésio (Anuário ger. da Fotogr. 14.º ano, Paris, Plon). *Idem*, Bolet. do Foto-Club de Paris (Abril, 1901).

Quanto a barcos desmontaveis, alem dos de sistema *Osgood, Berthon e King*, ha a canoa flexivel *Doyen-Montjardet*, e o modelo *Schellbend*, de cedro, (6, Rumpf-Place, Liverpool). Tem de 2 e meio a 8 metros, e pode transportar de 2 a 56 pessoas (60 a 300 escudos). O barco-mala de *Osmond* (221, 12.ª Rua, Chicago) foi descrito no *Temps* (28 de junho de 1899).—

Os descensor Carozzi (31, Via S. Giulio, Turim) consiste n'um sistema de cordas, com cinto e estribos automaticos.

Mesmo com luz e companheiros pode o turista perder-se. Por isso lhe convem ir espalhando objectos que o guiem para sair.

Das interessantissimas experiencias com a *fluoresceína* falará o próximo número.

ALFREDO ANSUR.

«GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO»

A nossa, quasi avosinha, *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, entrou no seu 30.º ano de publicação, felicita-mo-la, por isso, efusivamente, bem como ao seu illustre director, e nosso querido amigo, sr. Mendonça e Costa, e levamos também os nossos cumprimentos ao seu digno redactor principal, sr. J. Fernando de Sousa, o brilhante jornalista e também nosso velho amigo.